

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<https://doi.org/10.23925/2237.759X.2022V51.e59400>

## HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA E VIOLÊNCIA(S): RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE MULHERES LÉSBICAS E DE HOMENS GAYS SOBRE PRECONCEITO

### COMPULSORY HETEROSEXUALITY AND VIOLENCE(S): EXPERIENCE REPORTS OF LESBIAN WOMEN AND GAY MEN ON PREJUDICE

Ana Beatriz Oliveira Ribeiro<sup>1</sup>  
(Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC)  
anbeatrizopribeiro@gmail.com

**RESUMO:** Este texto aborda relatos de experiência de um grupo de mulheres autodeclaradas lésbicas e de homens autodeclarados gays envolvendo vivências de preconceito. Nesse sentido, investiga-se e discute-se o impacto dessas experiências em suas vidas, bem como as motivações que sustentam esses atos violentos. Os conceitos de heterossexualidade compulsória (Butler, 2003) e de ideologias semióticas (Keane, 2018) respaldam a análise. Os relatos advêm de um *corpus* composto por quatro entrevistas feitas em duplas (de lésbicas e de gays). A análise é de base interpretativa e alguns trechos das entrevistas são usados para exemplificar as discussões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relatos de experiência de lésbicas e de gays; preconceito; heterossexualidade compulsória; violência.

**ABSTRACT:** *This text approaches experience reports of a group of self-declared lesbian women and gay men involving experiences of prejudice. In this sense, the impact of these experiences on their lives is investigated and discussed, as well as the motivations that sustain these violent acts. The concepts of compulsory heterosexuality (Butler, 2003) and semiotic ideologies (Keane, 2018) support the analysis. The reports come from a corpus composed of four interviews carried out in pairs (of lesbians and gays). The analysis has an interpretative basis and some excerpts from the interviews are used to exemplify the discussions.*

**KEYWORDS:** *experience reports of lesbians and gays; prejudice; compulsory heterosexuality; violence.*

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestra (2020) em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGL/UFSC). Bolsista CAPES.

## 1. Introdução

Segundo a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), o Brasil é, infelizmente, o país que mais mata pessoas LGBTQIA+<sup>2</sup> no mundo<sup>3</sup> e este fato é um forte indício de que esse grupo é, ainda, alvo de preconceitos e intolerâncias no âmbito brasileiro, sejam na forma verbal ou não verbal.

Os números falam por si e são preocupantes. Nesse sentido, é significativo explorar as vivências dessas pessoas, procurando examinar como preconceito e violência os/as impacta ou impactou. Este trabalho investiga, portanto, relatos de experiência sobre preconceito e violência, a partir de dados gerados em entrevistas<sup>4</sup> com duas duplas de mulheres autodeclaradas lésbicas e com duas duplas de homens autodeclarados gays, sobre o bloco temático "Preconceito" discutido nas entrevistas. Busca-se, também, debater sobre as formas e sobre as motivações que levam ao preconceito e à discriminação dessas pessoas.

O argumento é estruturado do seguinte modo: na próxima seção é explorada a discussão teórica e conceitual sobre preconceito, identidade e violência, especialmente sobre pessoas LGBTQIA+. A seção seguinte é destinada para as escolhas metodológicas adotadas para a realização do trabalho. Já a quarta seção aborda a discussão e a análise dos dados transcritos. Por fim, são expressas as palavras finais sobre o trabalho.

## 2. Preconceito(s), Identidade(s) e Violência(s)

Embora as sociedades contemporâneas já tenham avançado de forma significativa na agenda LGBTQIA+, as reações negativas relacionadas a essa comunidade, como preconceito e violência, não são uma novidade em diversos países no mundo, pelo contrário, são atos frequentes, são preocupantes e precisam ainda ser discutidos.

Diversos veículos de informação trazem a tona o assunto, como o Grupo Gay da Bahia, uma organização não governamental voltada para a defesa dos direitos de pessoas homossexuais no Brasil. O grupo foi fundado em 1980 e é a mais antiga associação brasileira na defesa LGBTQIA+ ainda em atividade. A seguir, na (Figura 1), é apresentado um panorama sobre as mortes LGBTQIA+ no Brasil nos últimos 21 anos.

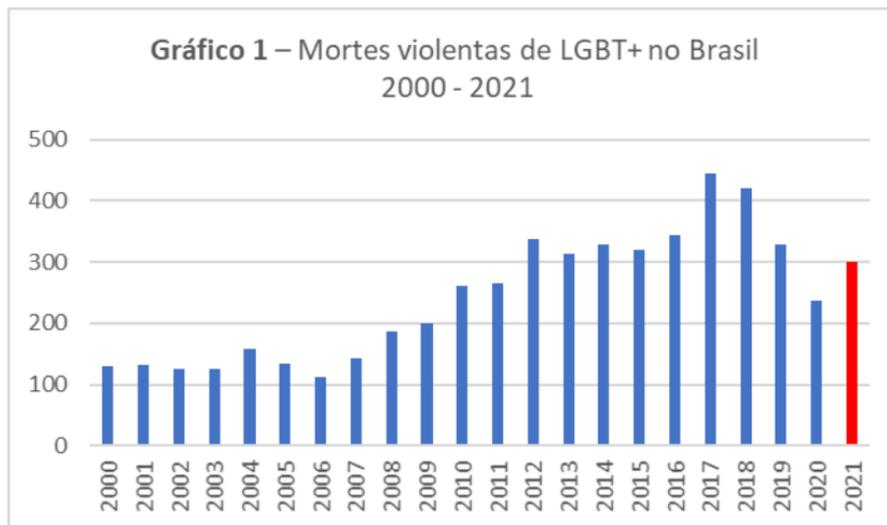
---

<sup>2</sup> A sigla engloba lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais e o símbolo + abrange outras identidades de gênero e orientações sexuais não cis-heteronormativas.

<sup>3</sup> Disponível em: [<https://www.abglt.org/biblioteca>]. Acesso em: 20 mai. 2022.

<sup>4</sup> Estas entrevistas fazem parte do *corpus* da dissertação da autora (2020).

Figura 1 – Mortes de LGBTQIA+ no Brasil (2000-2021)



Fonte: Grupo Gay da Bahia (2022).

No presente texto, inicia-se essa discussão a partir de algumas questões levantadas pelas pessoas entrevistadas na pesquisa. Para uma breve contextualização<sup>5</sup>, essas entrevistas foram feitas e transcritas (a partir das normas Jefferson (1984)<sup>6</sup>) pela autora com duplas de mulheres lésbicas e de homens gays, que foram solicitadas a escolherem um pseudônimo para serem referidas no trabalho.

No Excerto 1 a seguir, de Lorelay Fox e Zoe, é possível perceber duas vivências distintas: uma não marcada pelo preconceito e, em contrapartida, um relato de experiências violentas. Os sujeitos, ao relatarem sobre vivências de preconceito, também pontuam uma possível motivação para esses acontecimentos: parecerem ou não gays.

### Excerto 1

01 → Lorelay Fox: Eu nunca tive (.) acho que talvez por:: eu não ter muito o  
02 estereótipo, entendeu. Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca.  
03 Só se por trás, se alguém falar alguma coisa assim, mas em  
04 mim assim, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca mesmo.  
05  
06 → Zoe: Eu:: (.) na escola já: (.) típico né, por ser afeminado na  
07 escola já::, viadinho::, essas questões do *bullying*, mas já  
08 tava acostumado. Aí:: (0.2) agora (.) tendo um  
09 relacionamento (.) quando eu tô andando de mão dada na rua  
10 (.) sempre tem aquele olhar, claro, não vai, é um  
11 preconceito velado.[...]

<sup>5</sup> Mais informações sobre *corpus* e pessoas entrevistadas são fornecidas na seção de Metodologia.

<sup>6</sup> Ao fim do artigo, em Notas, há uma tabela com o significado dos símbolos utilizados do sistema.

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

A partir dos relatos da dupla é interessante perceber o contraste nas vivências desses dois homens gays. Enquanto Lorelay Fox aponta nunca ter tido experiência com preconceito, Zoe, por outro lado, conta sobre as muitas que já viveu. As motivações para essas vivências com a violência são, também, pontuadas por eles: Lorelay Fox opina que não sofreu preconceito por ele “não ter muito estereótipo”, já Zoe relata que “por ser afeminado na escola”, já sofreu muito *bullying* nessa época, ouvindo xingamentos como “viadinho”, por exemplo.

Este excerto é uma ótima síntese do conteúdo percebido nos diálogos, dado que a questão de parecer lésbica ou gay, de performar as feminilidades/masculinidades, parecem ser fatores cruciais em termos de preconceito e de violência. Nessa lógica, teóricos/as que discutam o tema da sexualidade, como Castañeda (2007), Louro (2008) e Schulman (2010) e, mais especificamente, os conceitos de heterossexualidade compulsória (Butler, 2003) e de ideologia semiótica (Keane, 2018) são válidos na compreensão desses relatos.

Butler (2003) entende a heteronormatividade como instituição compulsória e naturalizada das normas binárias de gênero, normas essas reguladas pela heterossexualidade, condutoras da diferenciação entre os estereótipos do feminino e do masculino e consolidadoras dessa correspondência interna e linear entre sexo, gênero e orientação. Enquanto Keane (2018), por sua vez, entende que as ideologias semióticas são as deduções das pessoas sobre o que são os signos, quais funções eles desempenham ou não e, ainda, quais as consequências que eles podem ou não produzir.

Toro-Alfonso (2005) adverte que as homossexualidades se inserem na fluidez, na complexidade e na diversidade das construções sociais sobre masculinidade e feminilidade, uma vez que a construção do sujeito homossexual se dá no espelhamento com a heterossexualidade e com a masculinidade hegemônica. Nesse sentido,

a constituição de um sujeito a partir de um ‘ser homem’ e/ou ‘ser mulher’ e a (auto)defesa de suas respectivas masculinidades e feminilidades requer a busca e compreensão de seus significados amplos e plurais, para além do que possa, supostamente, estar aprisionado nas práticas sexuais e nas identidades de gênero legitimadas socialmente (BUSSINGER et al., 2017: 260).

Porém, por mais que, atualmente, mulheres e homens (homossexuais ou não) estejam se distanciando dos padrões hegemônicos de masculinidade e de feminilidade, desenvolvendo novas formas de ser e de estar, não tão fixadas nas categorias binárias de gênero, no senso comum, essa correlação ainda é bastante frequente.

Mesmo com os avanços já alcançados, a sexualidade continua sendo vista por muitos como algo vergonhoso, muito pelo assunto ainda ser um

tabu na sociedade, ou pelo menos em parte significativa dela. E isso não se dá de maneira aleatória, como o que Butler (2003) chama de instância reguladora, que é constituída pela heterossexualidade compulsória e que corresponde a um discurso restritivo sobre gênero, que insiste no binarismo homem e mulher como a maneira exclusiva de entender gênero e atua para efetuar uma operação reguladora de poder que, por sua vez, naturaliza a instância hegemônica e exclui a possibilidade de pensar sua disrupção.

Em consonância a esse conceito, Butler ainda explora a matriz da inteligibilidade de gênero, socialmente imposta e constituída por normas que impõem a existência indiscutível de uma ligação linear entre sexo biológico, gênero, desejo sexual e subjetividade. A existência dessa matriz implica que “as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (BUTLER, 2003: 37). Essas noções são resultados de um conjunto de normas sociais baseadas num sistema heteronormativo, em que só há a possibilidade de um indivíduo ser e perceber-se conforme a seguinte configuração: como pessoa cisgênera e manter relações, necessariamente, com pessoas do gênero oposto, sem brechas para desvios, controvérsias, conflitos e desinteligências. A construção dos gêneros e das sexualidades, segundo Louro (2008: 18), se dá “através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado”. Portanto, entender esses conceitos como processos, é também compreender que suas construções acontecem ao longo de toda vida, continuamente, infindavelmente.

Dessa forma, as normas sociais baseadas na heterossexualidade podem ser um dos motivos pelos quais Lorelay Fox, por ser um homem que “não aparenta ser gay”, não sofreu preconceito, diferente de Zoe, que, por ser um menino “afeminado”, já sofreu esse tipo de violência. Lorelay Fox segue a conduta esperada e, assim, vive normalmente, já Zoe, ao ser desviante da conduta, é penalizado por isso.

Nessa perspectiva, é natural que pessoas LGBTQIA+ sintam-se confusas e amedrontadas ao perceberem-se enquanto sujeitos desviantes desse padrão heteronormativo. A necessidade de atender às expectativas impostas por esse sistema acaba gerando modelos previsíveis de sujeitos, com pouco espaço para a agentividade, uma vez que quem está dentro do sistema deve atender às regras hegemônicas. Tal realidade, por vezes tão bruta e dolorosa, dificilmente não deixa marcas nas trajetórias dessas pessoas e, por isso, quem sofre estigma por não se adequar às normas e

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

às condutas previstas cria espaços seguros<sup>7</sup>, que funcionam como um lugar de escuta para expressar opiniões e vivências.

No presente texto, a partir da análise do *corpus* de entrevistas com mulheres lésbicas e com homens gays, são exploradas as vivências e as histórias dessas pessoas sobre os temas centrais preconceito e violência. Portanto, são as próprias vivências de mulheres lésbicas e de homens gays que são trazidas e analisadas e, a partir disso, são exploradas e problematizadas algumas questões, como preconceito, violência, entre outras.

Nessa direção, é sabido que a experiência de assumir-se como homossexual e a homofobia são assuntos frequentemente associados. Castañeda (2007) faz apontamentos certos sobre essa questão:

[...] quando uma pessoa se reconhece homossexual, não existem benefícios visíveis. Ao contrário: abre-se diante dela um futuro isolado e marginalizado que provavelmente trará conflitos com a família e a sociedade. Assumir-se homossexual não parece uma volta ao lar, mas, antes, um exílio (CASTAÑEDA, 2007: 46).

Dessa forma, pessoas que não se encaixam nas normas heteronormativas pré-estabelecidas, possivelmente, em algum momento de suas vidas, sofrerão algum tipo de preconceito (como zombarias, insultos, perseguição, violência etc.) e isso, certamente, afeta suas vivências de alguma maneira. Os relatos de experiência apresentados e discutidos na seção 4 exemplificam essas questões.

Schulman (2010) também investiga a sexualidade, a homofobia, especialmente a familiar, e a busca por reconhecimento. Por esse ângulo, a autora discute sobre as experiências, muitas vezes compartilhadas, de sujeitos homossexuais e aponta que:

Existem duas experiências que a maioria dos homossexuais compartilha. Uma é a de "assumir-se", processo de interrogação pessoal em oposição à expectativa social, que não tem quaisquer paralelos na vida heterossexual. A segunda experiência comum é que fomos, cada um de nós, em algum momento de nossas vidas, inferiorizados por nossas famílias simplesmente, mas especificamente, por causa de nossa homossexualidade (SCHULMAN, 2010: 69).

Se já não bastasse a experiência dolorosa da homofobia, especialmente aquela vivida dentro da família, geralmente, quem é LGBTQIA+, mesmo quem que se aceita como tal, "carrega em si um conflito existencial permanente. A homofobia interiorizada não tem fim: ela ressurge, sob diferentes formas, ao longo do ciclo vital" (CASTAÑEDA,

---

<sup>7</sup> Entende-se que as entrevistas realizadas configuraram-se como um espaço seguro, em que as pessoas entrevistadas sentiram-se à vontade para contarem sobre suas vivências. Esta questão é desenvolvida na seção 3 deste texto.

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

2007: 143). Assim, a homofobia social e a interiorizada podem levar muitas pessoas homossexuais a viverem em certo isolamento afetivo, sexual e social. Além disso, em alguns casos, “[...] pode[m] provocar um esforço contínuo para compensar o ‘defeito’ da homossexualidade em outras áreas da vida” (CASTAÑEDA, 2007: 152).

Seguindo essa lógica, no presente texto, é relevante analisar os relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre possíveis vivências de preconceito e de violência, a fim de proporcionar um espaço seguro para esse debate e, ainda, procurar compreender em que medida essas violências já impactaram ou ainda impactam em suas vidas, bem como as motivações para esses atos violentos.

Nessa perspectiva, entende-se aqui que o movimento de analisar os relatos de experiência de lésbicas e de gays é uma maneira situada de procurar compreender como as vivências enquanto sujeitos/as homossexuais e também como as possíveis violências experienciadas por essas pessoas impactam ou já impactaram suas vidas. Além disso, também é crucial compreender quais são as motivações que sustentam esses atos violentos.

A seção seguinte aborda as escolhas metodológicas feitas no processo de pesquisa.

### **3. Escolhas metodológicas**

Nesta seção, são abordados os caminhos metodológicos adotados para a realização do trabalho. Portanto, o *corpus* utilizado, as pessoas entrevistadas e as escolhas analíticas são descritas e explicadas.

Para contextualizar, o *corpus* utilizado é constituído da transcrição de entrevistas com duas duplas (de mulheres lésbicas e de homens gays)<sup>8</sup>. Essas entrevistas duplas foram pensadas e, posteriormente, realizadas, justamente, para propiciar maior interação e descontração entre as/os participantes. Esse caminho escolhido foi bastante efetivo, já que as entrevistas foram muito produtivas, em tempo e em conteúdo.

As pessoas entrevistadas são lésbicas e gays autodeclaradas/os, residentes da cidade de Rio Grande e a grande maioria delas foi ou é envolvido na área de Letras<sup>9</sup>. Para preservar a identidade das pessoas entrevistadas, foi pedido para que elas escolhessem um pseudônimo para serem referidas na pesquisa, como vemos no (Quadro 1) a seguir:

---

<sup>8</sup> As entrevistas foram realizadas pela autora no final do ano de 2018.

<sup>9</sup> A maioria das pessoas entrevistadas cursa ou já cursou Letras na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

### Quadro 1 – Oito pessoas entrevistadas e pseudônimos

<b>Mulheres lésbicas</b>	<b>Homens gays</b>
Ametista e Adore	Júlio e Pedro
Fiona e Brigitte	Lorelay Fox e Zoe

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Um breve detalhamento individual das oito pessoas entrevistadas é feito a seguir, a partir de informações advindas da ficha social respondida por elas. Conjuntamente, também são explanadas algumas informações decorrentes das anotações feitas pela pesquisadora no diário de campo.

Entre as mulheres lésbicas, *Ametista* tem 30 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. É graduada em Letras Português/Inglês e também é mestranda em Literatura. Sua ocupação atual é de professora substituta no (IFRS – Campus Rio Grande). *Adore* tem 22 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. É acadêmica de Letras Português/Inglês. Sua ocupação atual é de estudante. *Fiona* tem 23 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. É licenciada em Letras Português/Inglês. Atualmente, sua ocupação é de professora de Inglês e sinalizou que a sua motivação é o dinheiro. *Brigitte* tem 22 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Possui ensino médio completo e sua ocupação atualmente é de cuidadora.

Entre os homens gays, *Júlio* tem 27 anos e é natural da cidade São José do Norte, no Rio Grande do Sul e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. É bacharel em Administração e licenciado em Letras Português/Inglês. Sua ocupação é de atendente. *Pedro* tem 34 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. É Mestre em Linguística e professor do ensino público e privado. *Lorelay Fox* tem 30 anos e é natural de Porto Alegre e residente da cidade de Rio Grande, ambas no Rio Grande do Sul. Possui ensino superior completo e é supervisor de vendas. *Zoe* é um homem gay de 19 anos, natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Sua formação acadêmica é ensino superior em andamento e é estudante.

A maioria das pessoas entrevistadas se conhece, já transitaram por espaços em comum (como o curso de Letras), compartilham algumas visões de mundo e modos de falar. Por isso, entende-se que elas compõem uma comunidade de prática não prototípica<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Entende-se que os sujeitos formam uma Comunidade de Prática (CP) não prototípica, pois embora a maioria tenha cursado o curso de Letras e frequentado a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no mesmo período, três dos sujeitos, Pedro, Lorelay Fox e Brigitte, não compartilharam os mesmos espaços conjuntamente com os outros sujeitos de pesquisa.

A concepção de comunidade de prática (CP) refere-se a “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010: 102). Em outras palavras, participantes de uma CP compartilham interpretações sobre outras comunidades, sobre suas próprias práticas em relação àquelas comunidades e desenvolvem um *estilo* que perpassa essas interpretações. Dessa forma, trabalhar com CPs possibilita ao/a pesquisador/a um trabalho de cunho etnográfico, procurando entender e perceber todas as nuances que perpassam as experiências de seus/suas participantes, visto que o construto funciona como uma maneira de localizar o uso da língua etnograficamente.

Na sequência, são abordadas a elaboração do roteiro de perguntas, a realização das entrevistas e a análise dos dados.

Com relação ao roteiro da entrevista, a elaboração das perguntas foi pensada para funcionar de maneira informal e, dentro do possível, descontraída. O roteiro foi desenvolvido em blocos temáticos, englobando: âmbito político nacional, preconceito, identidade, usos linguísticos e bate-volta (perguntas e respostas rápidas e curtas).

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH – UFSC)<sup>11</sup>, as entrevistas foram conduzidas na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. As entrevistas foram realizadas em torno de uma mesa localizada na sala do apartamento da autora. Não havia disposição pré-estabelecida e as pessoas entrevistadas eram convidadas a acomodarem-se nas cadeiras da maneira que se sentissem mais à vontade. Na tentativa de propiciar, ainda mais, um momento de descontração, a pesquisadora sempre tinha chimarrão<sup>12</sup> na mesa, que oferecia às pessoas, procurando reduzir a formalidade da conversa. Por ser uma bebida típica da região e também por ser uma ocasião de relaxamento, a ideia foi bem sucedida: todas as pessoas entrevistadas aceitaram o convite para entrar na ‘roda do chimarrão’ e pareceram sentirem-se bastante acolhidas com a ideia.

Em média, as entrevistas duraram entre 45 e 90 minutos e ocorreram de forma bastante espontânea e tranquila, já que os/as participantes pareciam estar se sentindo bastante à vontade com as perguntas do roteiro. Além do mais, pareciam empolgados/as e entusiasmados/as para darem suas opiniões e vivências sobre diversos assuntos que lhes são importantes. A junção desses três fatores, as entrevistas em duplas, a ‘roda do chimarrão’ e as perguntas do roteiro, contribuíram para que a entrevista funcionasse, de fato, como um espaço

---

<sup>11</sup> Nº CAAE: 03603318.0.0000.0121.

<sup>12</sup> O chimarrão (ou mate) é uma bebida característica da cultura do sul da América do Sul. É um hábito legado pelas culturas indígenas, que é composto por uma cuia, uma bomba, erva-mate moída e água morna.

seguro, em que se sentiram confortáveis para falarem com liberdade e em segurança sobre suas vivências enquanto LGBTQIA+’s.

Quanto à análise, as entrevistas foram transcritas seguindo as normas de Jefferson (1984) a partir dos áudios e o Microsoft Word foi usado para a digitação. O bloco *preconceito* foi selecionado para este texto, que foi constituído de perguntas de ordem mais individual, sobre possíveis experiências com preconceito. O conteúdo das entrevistas foi examinado a partir de um olhar qualitativo e interpretativo, buscando captar e problematizar os relatos de experiência.

Na seção seguinte é feita a discussão e a análise dos relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito.

#### 4 O olhar para os dados

A partir da transcrição das quatro entrevistas realizadas com duas duplas de mulheres lésbicas e de homens gays, nesta seção, alguns trechos da conversa são apresentados, a fim de mostrar os relatos de experiência das pessoas entrevistadas sobre o bloco *preconceito*. Assim, a análise dos dados é exposta em caráter explanatório e qualitativo. Também é realizada uma breve discussão sobre esses relatos.

Um dos questionamentos feitos para as pessoas entrevistadas foi sobre suas experiências com preconceito. *Júlio e Pedro*, por exemplo, relataram já terem sofrido algum tipo de preconceito em suas vidas, conforme é mostrado no excerto 2 a seguir.

##### Excerto 2

01 Pedro Eu (0,2) ((concordando com um gesto feito com a cabeça))  
02 aquele que eu te falei do aluno né (.) da, da escola e (.)  
03 ah (.) e fora outros né.  
04 Entrevistadora: É tipo, quando era mais novo, na [escola]  
05 Pedro: [Uhum]  
06 Júlio: É, eu também (.) só na escola mesmo.  
07 Pedro: Muito!  
08 Entrevistadora: Depois de grande, não?! Depois de grande [risadas]  
09 Júlio: Não:: na minha cara, eu acho né (0,3) mas (.) nada que  
10 chegou ao ponto=vamos dizer assim, de agressão.  
11 Pedro: Hmm, teve uma vez também que (.) uma outra situação:: n,  
12 na escola (0,2) numa turma de noite::, uma escola num  
13 curso técnico (.) pessoas adultas né (.) uma aluna (.) eu  
14 tava dando aula (0,2) e ela falou um troço (0,3) e eu  
15 falei mais grosso com ela, chamei a atenção dela (.) porque  
16 ela tava sendo né:: (0,2) peguei e disse assim eu não te  
17 trato com falta de educação, eu preciso, eu prec, no  
18 mínimo, educação (0,4) e ela disse assim ai me esqueci que  
19 contigo tem que ser tudo mais delicado.

Ambos relataram já terem sofrido preconceito em algum momento de suas vidas. Júlio contou apenas se lembrar de episódios de violência

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

enquanto ainda estava na escola, mesmo que de forma mais implícita e não pontuou possíveis motivações. Pedro também relatou já ter sofrido preconceito na época de escola, mas também contou ter sofrido preconceito, enquanto professor, de uma aluna em sala de aula.

Segundo o relato de Pedro, sua aluna lhe disse: "ai me esqueci que contigo tem que ser tudo mais delicado", reforçando o estereótipo do feminino. Dessa forma, pode-se relacionar esse imaginário com o que aponta Butler (2003) sobre a heterossexualidade compulsória, que é condutora da diferenciação entre os estereótipos do feminino e do masculino. Ou seja, para a aluna de Pedro, por ele ser gay, sua conduta esperada é a de delicadeza, geralmente associada à feminilidade.

De acordo com Perucchi et al. (2014) a homofobia

[...] consiste em considerar o outro (no caso o/a homossexual e transgêneros) como desigual, inferior, anormal. Além disso, como qualquer outra forma de intolerância, a homofobia se articula em torno de emoções, condutas e dispositivos ideológicos e institucionais, configurando-se como um instrumento que cria e reproduz um sistema de diferenças para justificar a exclusão e a dominação de uns sobre outros (PERUCCHI et al., 2014: 68).

Nesse ângulo, a homofobia, a heterossexualidade compulsória e o imaginário popular acerca das condutas de mulheres lésbicas e de homens gays permeiam de maneira recorrente os diálogos das duplas. A aluna de Pedro parece esperar que ele, por ser um homem gay, se comporte de determinada maneira, ou seja, quando ele "fala mais grosso" com ela, ele não cumpre o esperado e a reação da aluna vem em forma de preconceito, quando diz que com ele tudo teria de ser mais delicado, reproduzindo, assim, estereótipos e homofobia.

*Lorelay Fox* e *Zoe* também contaram sobre suas vivências envolvendo preconceito, exemplificadas no excerto 3 a seguir.

### Excerto 3

01	Lorelay Fox:	Eu nunca tive (.) acho que talvez por:: eu não ter muito
02		o estereótipo, entendeu. Nunca, nunca, nunca, nunca,
03		nunca. <u>Só se por trás</u> , se alguém falar alguma coisa assim,
04		mas em mim assim, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca mesmo.
05		
06	Zoe:	Eu:: (.) na escola já: (.) típico né, por ser afeminado
07		na escola já::, viadinho::, essas questões do <i>bullying</i> ,
09		mas já tava acostumado. Aí:: (0.2) agora (.) tendo um
09		relacionamento (.) quando eu tô andando de mão dada na
10		rua (.) sempre tem aquele olhar, claro, não vai, é um
11		preconceito velado. [...]
12	Lorelay Fox:	Mas eu acho que, não sei:: eu acho que nessa parte assim
13		(.) ai de (.) eu acho que tanto hétero quanto casal gay,
14		eu acho que:: <u>pra que mostrar?</u> [...] Eu acho:: que parece
15		assim::, que a gente tem que, às vezes, às vezes, parece,
16		

17 a comunidade gay tipo nós temos que mostrar que nós  
18 estamos aqui (.) às vezes né.[...]  
19 Zoe: Ah, não (.) isso eu concordo:: (.) acho que é mais em  
20 relação de tipo andar de mão dadas, essa a relação de  
21 você querer um abra::ço. [...]  
22 Entrevistadora: Mas até o andar de mão dada assim, eu tenho medo...  
23 Zoe: = Ah não:: (0,5) não (.) eu tenho medo e também tipo (.)  
24 a questão de tu dá um selinho de tchau, qualquer casal  
25 faz isso, às vezes tu não pode fazer, porque tu vai ficar  
26 sozinho::.

Diferente de Júlio e de Pedro, em que ambos relataram já terem sofrido algum tipo de preconceito, Lorelay Fox apontou nunca ter sofrido e elege um possível motivo para isso: "Acho que talvez por eu não ter muito o estereótipo". Com isso, é interessante problematizar, então, dois pontos: quais seriam as características que qualificam alguém como um homem gay? E parecer gay é premissa para sofrer preconceito?

É sabido que determinadas condutas são esperadas de mulheres e de homens. Em geral, de uma mulher é esperada a feminilidade e de um homem a masculinidade (FORMIGA; CAMINO, 2001). No que se refere a mulheres lésbicas, o imaginário popular as associa à masculinidade e, de forma parecida, homens gays frequentemente são associados à feminilidade (LOURO, 2011). Porém, mesmo com essas expectativas de condutas, nem todas as mulheres lésbicas e nem todos os homens gays performam o que o senso comum espera, visto que transgridem essa configuração de sujeito prevista e vivem a pluralidade das masculinidades e das feminilidades, que são "uma construção cultural contínua, sempre inconclusa e relacional" (LOURO, 2011: 64).

Seguindo essa lógica, Lorelay Fox, por não "ter o estereótipo", segue as normas esperadas referentes à masculinidade e, além disso, não desempenha a conduta esperada pelo imaginário popular para um homem gay (mais próximo do feminino) e, dessa maneira, socialmente ele não é percebido como gay e não sofre preconceito por conta disso. Sendo assim, ter uma conduta mais próxima da heterossexualidade (e da masculinidade padrão) e mais longe da homossexualidade (e da feminilidade padrão), parece ser um fator determinante em termos de preconceito.

Por outro lado, Zoe trouxe duas perspectivas: já ter sofrido preconceito explícito na escola e também preconceito velado, como olhares, quando mais velho. Pelo relato, Zoe sofreu preconceito na escola "por ser afeminado", ouvindo xingamentos como "viadinho". Logo, Zoe aparentava ser gay, pois, segundo ele, sua conduta era próxima da feminilidade e isso funcionava como premissa para a violência. Pode-se compreender que a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003), mais uma vez, está intimamente conectada com a diferenciação entre as condutas das feminilidades/masculinidades e com o preconceito. Ou seja, diferente de Lorelay Fox, Zoe já experienciou a homofobia e um possível motivo é a questão de parecer ou não gay. Zoe relatou ser afeminado e

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

isso pode ter contribuído ou, ao menos, aumentado as chances de sofrer preconceito.

Além disso, Zoe relatou que atualmente, estando em um relacionamento, experiencia olhares tortos na rua, quando ele e seu namorado estão de mãos dadas, por exemplo. Esse preconceito velado é, infelizmente, comum no Brasil, pois espera-se que as pessoas sigam a heteronormatividade construída socialmente. Se pensarmos que se apenas a partir da idealização de serem gays ou não, esses homens que se afastam de uma conduta mais próxima da masculinidade já são alvo de preconceito, quando são vistos de mãos dadas ou trocando carinhos com outros homens, ficam expostos a sofrerem ainda mais preconceito. Nesse cenário, eles são vistos como homens gays de forma mais concreta e, portanto, ficam mais vulneráveis e suscetíveis à homofobia.

Nessa esteira, Lorelay Fox levantou uma questão delicada: ele discorda que casais heterossexuais e homossexuais demonstrem afeto em lugares públicos. Essa opinião é conflituosa, ao passo que parece esconder uma homofobia internalizada, pois, de certa forma, Lorelay Fox pareceu não apoiar a luta por direitos da comunidade LGBTQIA+, prezando, em alguma medida, pela continuidade dessa população 'dentro do armário'. Nas palavras de Castañeda (2007: 143), "a homofobia interiorizada não tem fim: ela ressurgue, sob diferentes formas, ao longo do ciclo vital". Pode-se compreender que a opinião de Lorelay Fox seja um caso de homofobia interiorizada, que pode manifestar-se de diversas formas. Porém, Zoe não concordou com a visão de sua dupla e pontuou que casais homossexuais querem andar de mãos dadas e trocarem carinho, da mesma forma que qualquer casal heterossexual faz e não são julgados por isso. Porém, no caso de casais homossexuais, ao realizarem essas simples demonstrações de afeto, ficam sujeitos a sofrerem preconceitos e, até ainda, a violência.

A demonstração de afeto em público é uma discussão recorrente na comunidade LGBTQIA+, principalmente, por ser uma questão bastante ambivalente. Se, por um lado, é preciso 'sair do armário', (r)existindo e impondo suas presenças socialmente, por outro, ficar 'dentro do armário', ao menos em público, pode ser uma estratégia de resguardo, prezando a segurança, já que é arriscado que essa saída coloque essas pessoas em perigos, os/as fazendo cair nas armadilhas da homofobia. Zoe gostaria que fosse possível demonstrar afeto publicamente do mesmo jeito que casais heterossexuais fazem. Porém, privilégios de visibilidade e de hegemonia de valores respaldam e validam as demonstrações de afeto de casais heterossexuais e reprovam e condenam as mesmas demonstrações de casais homossexuais.

*Ametista e Adore* contaram sobre as suas experiências pessoais envolvendo preconceito, demonstradas no excerto 4 a seguir:

#### Excerto 4

01 Adore: Sim:: (.) sim (.) né, na (0,6) na rua (0,2) né:: (.) assim,  
02 aquelas::, aquelas clássicas né::, sapatona, macho::rra e tal,  
03 poucas vezes (.) olhares tortos, então é mais um preconceito  
04 vela::do, né::, assim, das pessoas desconfortáveis de:: sei  
05 lá, tamo no shopping e tamo sentada abraçada, e as pessoas te  
06 olham, e daí tu fica tipo assim, tô cagada? [...] e:: é, na  
07 questão social mais assim velado, acho que o olhar que quei::ma  
08 ma::is, e um pouco de:: estranhamento:: das pessoas, porque as  
09 pessoas não esperam saber de mim, assim. [...] Porque ah, tipo,  
10 mas tu não pare::ce, [...] em meio de conver::sa assim, a  
11 pessoa tipo ah:: mas eu nem sabia, não imaginava que tu namorava  
12 uma mulher::, não imaginava que tu tava namorando há tanto  
13 tempo, ou que tu gostava de mulher::, sabe, tipo, porque:: eu  
14 tenho algum (0,3) ahn (.) alguma afinidade com o padrão  
15 feminino, eu performo a feminilidade. [...]  
16  
17 Ametista: No meu ca::so (.) eu percebi uma diferença, ahn, da violência  
18 verbal (0,3) no sentido de quando eu tinha cabelo comprido e  
19 depois que eu cortei o cabelo (0,2) quando eu tinha cabelo  
20 comprido, é que as pessoas acham que isso não é violento, mas  
21 é violento, ah mas tu é tão bonita, ah mas tu não parece, isso  
22 é um nível de violência, isso é uma, um preconceito enrustido  
23 ali. [...] Eu não sei se dá pra dizer que o preconceito é  
24 sutil, tá (.) mas eu vou usar esse termo, que é um preconceito  
25 sutil, digamos assim. [...] Depois que eu cortei o meu cabelo  
26 (0,2) tá, eu percebi o que, que a violên::cia se instaurava no  
27 sentido de que até de pessoas desconhecidas= os pedreiros não  
28 faziam mais fiu fiu= os pedreiros falavam o que, tá faltando  
29 piroca.

Adore apontou a experiência de preconceitos velados que já sofreu, a partir de olhares na rua e também do estranhamento das pessoas, principalmente por ela não parecer lésbica – o que ela mesma parece justificar pelo fato de performar a feminilidade mais perto do padrão. Novamente, a heterossexualidade compulsória parece regular os limites sobre sexualidade, sexo, gênero e desejo:

A coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional. Essa heterossexualidade institucional exige e produz, a um só tempo, a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constituem o limite das possibilidades de gênero no interior do sistema de gênero binário oposicional. (BUTLER, 2003: 45).

Em outras palavras, Adore não parecer lésbica aos olhos externos se deve ao fato de ela performar a feminilidade, o que não é esperado de mulheres lésbicas, que são frequentemente associadas à masculinidade. Além disso, geralmente, pessoas que enunciam essas frases acreditam que estão fazendo algum tipo de elogio, como se não parecer lésbica fosse uma qualidade, mas, pelo contrário, é uma forma implícita de lesbofobia, podendo ser entendida como ofensa por algumas pessoas. Segundo

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Borrillo (2010), a lesbofobia é constituída por elementos de heterossexismo e misoginia, gerando uma dupla violação em que a lésbica é hostilizada por ser mulher e por ser homossexual, diferenciando a lesbofobia de outras expressões da homofobia.

Uma compreensão parecida está presente no relato de Ametista, que contou sobre violência(s) que sofreu por conta de sua aparência já ter sido mais próxima do padrão feminino e, depois, estar mais distante desse padrão. Ametista relatou que sofreu violências verbais relativas ao seu cabelo e, conseqüente, a uma performance da lesbianidade/feminilidade. Ela contou que, quando tinha cabelo comprido, ouvia falas como "tu és tão bonita, nem parece lésbica" (parecidas com o relato de Adore) e, quando cortou o cabelo curto, percebeu que os pedreiros, por exemplo, não a viam mais com desejo, mas, por outro lado, a violentavam com falas como "tá faltando piroca". Aqui, mesmo que em forma de ameaça, pode-se compreender como uma forma de violência associada ao estupro corretivo, uma prática criminosa que visa exercer controle sob o comportamento social/sexual da vítima. Essa violência ocorre quando homens, de forma desprezível, visando fortalecer suas virilidades, decidem que podem e que devem punir mulheres lésbicas com o ato sexual, a fim de conformá-las à heterossexualidade. E, dessa forma, estariam 'corrigindo' suas condutas desviantes do padrão heterocisnormativo (SANTOS; CARVALHO, 2019).

Ou seja, performances de identidade e condutas referentes às feminilidades, novamente, parecem permear e influenciar fortemente as percepções das pessoas, propiciando o preconceito e a homofobia. Essas experiências relacionadas ao preconceito e à violência, certamente, deixam marcas, em diversos níveis, em quem viveu – e, muitas vezes, ainda vive – essas experiências.

[...] convenções e estruturas opressivas são mantidas através de algumas estratégias concretas. Uma estratégia crucial é o uso de falsas acusações para manter o status de subordinação das pessoas gays. Nesse contexto, acusações falsas são declarações imprecisas e enganosas sobre pessoas gays e lésbicas, bem como sobre a homossexualidade, que nos forçam a viver com o fardo de um estigma que não merecemos, e a pagar, dessa forma, o preço emocional e social de termos de provar desnecessariamente nossa inocência (SCHULMAN, 2010: 72).

O argumento de Schulman (2010) é bastante pertinente, e a partir do que ambas entrevistadas relataram sobre preconceito, elas já viveram, em algum nível, essa falsa acusação sobre suas vivências: Adore não ser considerada lésbica por ter uma conduta próxima do padrão feminino e Ametista, após cortar o cabelo, sofrer mais ofensas do que quando tinha o cabelo comprido. A partir das violências contadas pela dupla, é possível depreender que quanto mais distante do padrão tido como feminino, mais

elas são percebidas como lésbicas e a ordem inversa também acontece, quanto mais próximas da feminilidade, menos são entendidas como mulheres lésbicas. O mesmo também acontece com a probabilidade de mulheres lésbicas sofrerem homofobia: quanto mais próximas do padrão feminino, menores são as chances de vivenciarem essas violências, isto é, quanto mais distantes desse padrão, mais suscetíveis estão a sofrerem homofobia.

*Fiona e Brigitte* também relataram suas visões sobre o tópico preconceito, como é detalhado no excerto 5 a seguir:

### Excerto 5

- 01 Fiona: Ai (.) eu acho que só::, tipo, ninguém nunca falou nada para  
02 mim, a não ser homem em festa. [...] Ahn (0,2) esses tempos  
03 eu tava numa festa e veio um velho, que eu não sei da onde  
04 saiu aquele infer::no, lá na Moove<sup>13</sup>. Sério, e aí tipo, eu tava  
05 (0,2) me beijando lá com a minh, com a gurua que tava fic, que  
06 eu tô ficando e:: o cara veio e falou assim ai, eu posso ficar  
07 olhando?, tipo umas coisas assim::, eu fiquei não, sai DAQUI::  
08 e tipo, ah, olhares, sabe? [...] Mas tipo, de preconceito  
09 mesmo, só essas coisas de homem em festa (.) que já falaram  
10 várias coisas pra mim (.) no sentido de tipo tu só é lésbica  
11 porque tu ainda não ficou comigo. E tipo, na rua, às vezes uns  
12 olharzinhos assim, tipo, se veem (.) tu, sei lá, de mão dada  
13 ou trocando alguma carícia na rua. Mas, tipo, tirando isso (.)  
14 ainda bem que não, até agora.  
15
- 16 Brigitte: É, é que a gente tá bem:: suscetível a isso. No meu caso (0,3)  
17 são tantas coisas que aconteceram. Mas assim ó, agressão  
18 física nunca aconteceu (0,3) mas:: bah, eu já sofri muito com  
19 pessoas assim ó::, na rua:: (.) até da minha família, assim  
20 mais:: longe, de:: ficarem:: dizendo que eu queria ser homem  
21 (.) ah, tu quer ser homem, [...] mas:: quando tu não espera  
22 (.) que as pessoas te tratem assim (0,2) quando não é uma  
23 zoeira assim [...] é:: é muito ruim. Na rua (.) por exemplo,  
24 ah eu tô caminhando na rua (.) tá, e só pelo fato de eu ter  
25 cabelo curto já acham que sei lá, eu sou:: (0,2) homem, mas  
26 já, já me confundiram com um guri (.) tipo guri mesmo, assim,  
27 homem (0,2) não sei como, mas sim. E::, e, tipo, isso é::, é,  
28 isso machuca muito. Porque (.) e também, os, fora os homens  
29 né, que ficam ai::, tu é lésbica mesmo?, ai, essas coisas  
30 machucam demais::, sabe?

Fiona contou que já sofreu preconceito por parte de homens heterossexuais em festas voltadas ao público LGBTQIA+, já tendo vivenciado episódios bastante invasivos. Fiona relatou que esses homens faziam pedidos como “posso ficar olhando?”, quando ela beijava outra mulher. A cultura da fetichização de mulheres lésbicas, infelizmente, é ainda bastante comum e a “a fetichização dos corpos que performam feminilidade e passabilidade ‘transformam’ uma lésbica em uma mulher

<sup>13</sup> Moove era uma festa voltada, principalmente, ao público LGBTQIA+ na cidade de Rio Grande.

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

digna de ser olhada e desejada” (SOUZA, 2020: 10). Isto é, uma mulher que não parece lésbica, ou seja, mais próxima da feminilidade padrão, torna-se um alvo mais recorrente desse tipo de tentativa. Por outro lado, uma mulher que parece lésbica, ou seja, mais distante da feminilidade padrão, tem menos chances de experienciar esse tipo de violência (embora possa sofrer outros tipos de violências). A partir desse cenário, é possível compreender esse tipo de violência como sendo baseada na inferência de que se uma mulher performa a feminilidade, então, ela não pode ser e não é percebida como lésbica. Ainda, pode-se pontuar que uma das raízes desse fetiche relacionado a mulheres lésbicas é fruto da pornografia, principalmente a consumida por homens heterossexuais, e que, na maioria das vezes, se utiliza apenas de mulheres lésbicas performando a feminilidade, não havendo quase espaço para lésbicas que se afastem desse padrão.

Em uma mesma direção, Brigitte também relatou sobre o importuno de homens em festas LGBTQIA+, em mais um relato sobre a fetichização de mulheres lésbicas. Além disso, Brigitte contou sobre ofensas verbais que já ouviu como, por exemplo, “tu quer ser homem”, por ela ter o cabelo curto. Segundo ela, esse tipo de comentário acontece com frequência e se dá muito pelo fato do comprimento de seu cabelo, ou seja, Brigitte tem consciência que parecer lésbica – afastar-se dos padrões de feminilidade – está muito associado à homofobia. Nesse sentido, as normas pré-estabelecidas sobre o que é ser mulher ou sobre o que é ser lésbica entram em jogo novamente, uma vez que

[a] instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual (BUTLER, 2003: 45).

Cria-se, então, uma lógica linear que determina: mulheres que performam a feminilidade são, necessariamente, heterossexuais, enquanto as que se distanciam dessa performance são, indiscutivelmente, homossexuais. Mas, “num mundo globalizado e pós-moderno, as homossexualidades se tornam mais complexas e difusas”<sup>14</sup> (TORO-ALFONSO, 2005: 86), ou seja, não são nem lineares e nem fixas.

A questão de mulheres lésbicas terem o cabelo curto, apontada pela dupla, pode também ser relacionada com o conceito de ideologia semiótica, proposto por Keane (2018). Segundo o autor, as ideologias semióticas referem-se “às suposições subjacentes das pessoas sobre o que são os signos, quais funções os signos desempenham ou não e quais

---

<sup>14</sup> Tradução do original: “En un mundo globalizado y posmoderno las homosexualidades se conforman más complejas y difusas”.

consequências eles podem ou não produzir”<sup>15</sup>. Além disso, a ideologia semiótica “direciona a atenção para toda a gama de veículos de signos possíveis”<sup>16</sup> (KEANE, 2018: 65). Nessa perspectiva, portanto, uma mulher lésbica com o cabelo curto parece ser entendida como menos mulher ou como se ela quisesse ser homem, ou seja, parece haver uma maneira certa não só para se portar como mulher – frequentemente marcada pela feminilidade exacerbada –, como também para o corte e/ou comprimento do cabelo. Esses signos funcionam, então, como ideologias semióticas imbricadas no senso comum, ao passo que a conduta feminina e o comprimento do cabelo possuem, socialmente, determinadas expectativas e funções e, quando não correspondem ou não são desempenhadas corretamente, acabam gerando consequências, como, por exemplo, a violência e a homofobia.

Em suma, muitas das violências relatadas pelas pessoas entrevistadas tem origem na heterossexualidade compulsória, condutora da diferenciação entre os estereótipos do feminino e do masculino e consolidadora de uma correspondência interna e linear entre sexo, gênero e orientação (Butler, 2003). Aliado a isso, as ideologias semióticas (Keane, 2018) também funcionam como fator determinante sobre quais os signos são certos e aceitos e quais não são, sobretudo no que se refere às feminilidades e às masculinidades. O autor também chama atenção “para as muitas maneiras (desde tácitas até totalmente explícitas) em que as suposições sobre o que os signos são contribuem para as formas como as pessoas os usam e os interpretam e, com base nisso, formam julgamentos de valor ético e político” (KEANE, 2018: 67)<sup>17</sup>. Portanto, é quando a correlação entre sexo, gênero e orientação não pode ser estabelecida, que as pessoas encontram espaços para reforçar estereótipos e fazerem julgamentos. Por exemplo, mulheres que atendem à feminilidade padrão ‘não podem ser lésbicas’, homens que não atendem à masculinidade padrão ‘só podem ser gays’, mulheres de cabelo curto ‘querem ser homens’ etc.

A heterossexualidade compulsória parece ser o pano de fundo para pessoas preconceituosas cometam violências e ofensas com quem não segue o padrão heteronormativo. Ademais, ela também pode, de certa forma, ser reafirmada, talvez até inconscientemente, através dos/as homossexuais, como na fala “nunca sofri preconceito, talvez por eu não ter o estereótipo”. Assim, nenhuma pessoa, seja ela pertencente a um

---

<sup>15</sup> Tradução do original: “people’s underlying assumptions about what signs are, what functions signs do or do not serve, and what consequences they might or might not produce.”

<sup>16</sup> Tradução do original: “directs attention to the full range of possible sign vehicles”.

<sup>17</sup> Tradução do original: “to the many ways (ranging from tacit to fully explicit) in which assumptions about what signs are contribute to the ways people use and interpret them, and on that basis, form judgments of ethical and political value”.

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

grupo minorizado ou não, está livre de perpetuar alguns estereótipos, tão enraizados na sociedade. Além disso, a heterossexualidade compulsória e as ideologias semióticas permeiam, em diversos níveis, a vida de todas as pessoas, que estão sujeitas a vivenciar ou a reforçar, em alguma medida, tais concepções.

### **Considerações finais**

Este texto teve por intuito principal agregar aos trabalhos que resistem e persistem na árdua tarefa de não se silenciar frente ao sexismo e à homofobia, ainda tão arraigados na cultura brasileira. Nas palavras de Schulman (2010: 74) "o sistema é invertido de tal forma que a crueldade parece normativa e regular e o desejo de chamar a atenção e subvertê-la parece estranho". Portanto, buscando unir forças aos trabalhos sobre a comunidade LGBTQIA+ e tentando desmistificar certos tópicos sobre mulheres lésbicas e sobre homens gays, este texto procurou trazer alguns relatos desses sujeitos sobre suas vivências.

Nesse sentido, procurou-se investigar os relatos de experiência fornecidos sobre preconceito e violência de um grupo de mulheres autodeclaradas lésbicas e de homens autodeclarados gays e também procurou-se exemplificar e debater os relatos. Todas as pessoas entrevistadas pareceram não ter muito receio em contarem suas experiências e fizeram isso de maneira bastante descontraída, mesmo sendo um tópico que poderia lembrá-las de momentos difíceis. O espaço criado para a entrevista pode ser entendido como uma comunidade de esperança, que funcionou como um lugar seguro para que eles e elas contassem de forma detalhada sobre suas vivências.

A análise procurou funcionar como uma forma de entender a experiência, em um processo de colaboração entre entrevistadora e entrevistados/as, em que o formato em duplas proporcionou uma maior descontração entre as pessoas. Ao contarem suas experiências envolvendo preconceito e violência, foi possível perceber, a partir da análise, que, neste grupo em específico de pessoas entrevistadas, a maioria delas já sofreu alguma forma de intolerância. A partir dos relatos, foram percebidas diferentes formas de expressão da violência, como, as violências mais explícitas (xingamentos, importuno, ofensas etc.) e também as menos explícitas (veladas, olhares, risadas etc.).

Em suma, a partir dos relatos, algumas considerações podem ser feitas. As experiências envolvendo preconceito relatadas nas entrevistas parecem estar estreitamente conectadas com a concepção de heterossexualidade compulsória e também com a noção de ideologia semiótica. Pode-se dizer que a heterossexualidade compulsória é um ponto central nas vivências relatadas envolvendo preconceito, visto que ela regula as condutas esperadas a partir dos padrões de feminilidade e

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

de masculinidade. Isto é, mulheres lésbicas e homens gays que desempenham condutas desviantes desse padrão estão mais sujeitos a sofrerem preconceito. Algo parecido acontece com as ideologias semióticas, que parecem, de certa forma, também regular quais signos são aceitos no senso comum, fazendo com que os signos que não são aceitos, como consequência, sejam alvo de ofensas e de violência.

## Notas

Foram utilizadas as convenções de transcrição de Jefferson (1984):

(.)	Uma micropausa
(0.7)	Uma pausa cronometrada, longa o suficiente para indicar um tempo
[ ]	Fala sobreposta
(( ))	Comentários da/o analista
<u>Sublinhado</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
→	Uma frase de particular interesse para a análise
MAÍUSCULAS	Fala com o volume mais alto
=	Indica que não houve pausa entre as sentenças
::	Alongamento de som

## Referências bibliográficas

ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. *Documentos e Publicações*. Disponível em: [<https://www.abglt.org/>]. Acesso em: 3 abr. 2022.

BORRILLO, D. *História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUSSINGER, R. V. et al. Representações Sociais de Masculinidades de Mulheres Lésbicas e Heterossexuais. *Revista Gênero*, v. 18, n. 1, p. 259-279, 2017.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 236 p.

CASTAÑEDA, M. *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: A Girafa, 2007, 328 p.

DA BAHIA, Grupo Gay. *Mortes violentas de LGBT+ no Brasil*, relatório 2021. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022.

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A. C; FONTANA, B. F. *Linguagem. Gênero. Sexualidade*. clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.

FORMIGA, N. S.; CAMINO, L. A dimensão do inventário de papéis sexuais (BSRI): a masculinidade e feminilidade em universitários. *Estudos de psicologia (Campinas)*, v. 18, p. 41-49, 2001.

JEFFERSON, G. Transcript notation. In: ATKINSON, J.; HERITAGE, J. *Structures of social action: studies in conversation analysis*. New York: Cambridge University Press, 1984, p. ix-xvi.

KEANE, W. On semiotic ideology. *Signs and Society*, 2018, 6(1):64-87. Disponível em [<https://doi.org/10.1086/695387>]. Acesso em: 27 mai. 2022.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Formação Docente-Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, v. 19, p. 17-23, 2008.

PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA, H. I. D. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2014, 19:67-76. Disponível em [<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>]/ Acesso em: 29 mai. 2022.

RIBEIRO, A. B. O. *Usos linguísticos de lésbicas e de gays: questões de identidade e estilo*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Florianópolis. 2020.

SANTOS, S. G. dos; CARVALHO, Í. T. ESTUPRO CORRETIVO COMO FORMA DE CONTROLE COMPORTAMENTAL DA VÍTIMA: um estudo sobre a violência sexual lesbofóbica. 2019.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Revista Bagoas*, 2010, 4(05):67-78.

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Heterossexualidade compulsória e violência(s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 228-249, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

SOUZA, Á. C. D. Representações do sujeito poético lésbico. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* [online], (61):1-11, 2020. Disponível em: [<https://doi.org/10.1590/2316-4018613>]. Acesso em: 29 mai. 2022.

TORO-ALFONSO, J. El estudio de las homosexualidades: Revisión, retos éticos y metodológicos. *Revista de Ciencias Sociales*, v. 14, p. 78-97, 2005.

Recebido em: 23/09/2022  
Aprovado em: 12/12/2022